

PARA ALÉM DA POESIA: MAIA FERREIRA, CORDEIRO DA MATTÁ E VIRIATO DA CRUZ

SHEILA RIBEIRO JACOB*

Mestre pela Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ.

E

Resumo

Este trabalho apresenta uma breve leitura de alguns dos principais nomes da poesia angolana que produziram seus textos em momentos distintos da história do país. O percurso aqui percorrido vai desde o século XIX, quando houve as primeiras manifestações impressas, até a sua apropriação, em meados do século seguinte, por movimentos que aliaram a produção cultural à ação política e usaram o texto literário como ferramenta de afirmação identitária. Para analisar as mudanças e permanências estéticas e temáticas que se deram ao longo do tempo, serão analisadas as produções de três autores: José da Silva Maia Ferreira e seu livro de poemas que data da primeira metade do século XIX; depois Cordeiro da Matta, cuja publicação data da segunda metade do mesmo século; e, por fim, Viriato da Cruz, poeta do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola já da metade do século XX. Veremos de que maneira a poesia angolana foi buscando sua afirmação pela diferença, partindo da inscrição temática do espaço e do homem africanos até o desenvolvimento de um canto próprio, tecido no encontro da letra com as vozes da terra e resgatando a força cultural da oralidade.

Palavras-chave: Poesia angolana. Século XIX. Século XX. Identidade. Oralidade.

Lá no horizonte

o fogo
e as silhuetas dos embondeiros
de braços erguidos
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas
Poesia africana
(...)

No céu o reflexo do fogo
e as silhuetas dos homens negros batucando
de braços erguidos
No ar a melodia quente das marimbas
Poesia africana

(NETO, 2008, p. 46)

“Foi o imperialismo essencialmente econômico?”, nos pergunta o intelectual palestino Edward Said em seu **Cultura e imperialismo** (SAID, 1995, p. 35). A resposta negativa a esse questionamento logo nos leva a pensar que toda dominação implica em uma dupla violência: física e simbólica. Sabemos que foi necessário construir um imaginário para sustentar e justificar a ordem colonial, já que, como lembra Said, a “luta pela geografia” alheia também abrange “ideias, formas, imagens e representações”. (SAID, 1995, p. 38).

A partir dessa constatação, podemos pensar na chegada dos europeus à África, e especificamente dos portugueses a Angola, para entendermos o processo de formação de uma literatura própria em oposição às produções culturais predominantes, que durante um longo período legitimaram a ordem colonial. Foi um extenso caminho, percorrido desde a violenta negação e o silenciamento das práticas tradicionais até a apropriação da escrita e da língua estrangeira pelos filhos da terra, com a inserção da oralidade no corpo do texto, para o resgate e a construção de uma identidade própria, que situasse a literatura angolana, como nos mostra a pesquisadora Laura Cavalcante Padilha, no entrelugar “em que se dá o encontro da magia da voz com a artesanaria da letra.” (PADILHA, 2007, p. 31).

É com este entendimento, de se constituir a partir da assimilação de um código hegemônico para a subversão desse mesmo código, que será avaliada a produção poética dos angolanos José da Silva Maia Ferreira, Joaquim Dias Cordeiro da Matta e Viriato da Cruz. Os três autores produziram seus textos em momentos distintos da história de Angola, desde a primeira metade do século XIX até meados do século seguinte. O objetivo é refletir, a partir desse recorte, como a poesia angolana foi, ao longo do tempo, se preenchendo das formas das silhuetas dos embondeiros e dos homens batucando, do cheiro verde das palmeiras queimadas e da melodia quente das marimbas, como nos diz o poema de Agostinho Neto escolhido para epígrafe e para título desse texto: a Poesia, para além de si, em busca da (re)conquista física e simbólica do seu espaço.

A POESIA INAUGURADORA DE MAIA FERREIRA

No século XIX, a tipografia chegou a Angola. Uma intensa atividade jornalística tomou corpo naquele momento, o que resultou no aparecimento de cerca de sessenta periódicos independentes, alguns deles escritos e dirigidos pelos próprios angolanos. Também foi nesse

momento que surgiram as primeiras manifestações literárias em Angola, tanto na prosa, com a novela **Nga Muturi**, de Alfredo Troni, publicada em folhetins no ano de 1882, quanto na poesia, com José da Silva Maia Ferreira. Ele é autor do conjunto de poemas **Espontaneidades da minha alma**, que data de 1849 e é o primeiro livro africano de língua portuguesa publicado de que se tem notícia.

Maia Ferreira era mestiço, descendente de europeus, filho de um angolano que durante tempo considerável foi um comerciante abastado. Nascido em Luanda, teve sua vida marcada por constantes viagens, como mostra o historiador angolano Carlos Pacheco, autor de duas biografias sobre o poeta. Tais deslocamentos marcariam seus poemas, nos quais há muitas referências a paisagens estrangeiras, desde as assinaturas que localizam a feitura dos versos no Rio de Janeiro, no final de 1848 e nos meses iniciais de 1849, até em seu próprio conteúdo, principalmente nos poemas em que são tecidas comparações entre Angola, Brasil e Portugal.

Devemos a descoberta do conjunto **Espontaneidades da minha alma** ao professor norte-americano Gerald Moser, que em 1967 encontrou essa obra na coleção de livros raros da Biblioteca Pública de Nova York. O conjunto foi impresso em Luanda pela Imprensa do Governo, única tipografia que havia na capital em 1849, pois quatro anos antes, em 1845, havia tido início a atividade jornalística no país com a publicação do **Boletim Oficial**, periódico ligado à metrópole no qual foram divulgados alguns textos de Maia Ferreira.

Nos 54 poemas reunidos em **Espontaneidades da minha alma**, livro dedicado às Senhoras Africanas, vemos um produtivo diálogo tanto com a poesia romântica do Brasil quanto com o cânone europeu. Além de as viagens do poeta terem facilitado o conhecimento de autores estrangeiros, é preciso pensar na influência “inevitável” do imaginário ético e estético europeu do século XIX, de que nos fala Antonio Candido, já que houve, no território colonizado, o “transplante por vezes brutalmente forçado das culturas”. (CANDIDO, 2006, 182). Por isso, era comum que as colônias, lançando-se à atividade literária, estabelecessem “a adaptação dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições físicas e sociais do Novo Mundo por intermédio do processo colonizador, de que é um episódio”. (CANDIDO, 2006, p. 198).

Não é de se estranhar que na poesia de Maia Ferreira nos deparemos com ecos da literatura francesa, sendo Paris a capital cultural do século XIX. Nove dos poemas reunidos em **Espontaneidades da minha alma** possuem epígrafes de poetas franceses dos séculos XVIII e XIX. Também encontramos versos em francês, inglês e latim, além de o autor citar grandes nomes da cultura ocidental, como Homero, Camões, Bocage, Castilho, Garrett... Todos esses aspectos ilustram como o poeta tinha afinidades com línguas e produções estrangeiras, o que mostra a sua situação privilegiada por ter tido acesso a uma instrução superior à de muitos de seus conterrâneos, e indica sua passagem por boas escolas entre 1835 e 1845, período no qual, segundo Pacheco (1992), esteve no Brasil e, provavelmente, também na metrópole.

Não podemos deixar de lembrar ainda os importantes diálogos com a poesia brasileira que, desde então, começam a ser travados, já que o angolano elege Gonçalves Dias como uma de suas principais referências. Além de usar versos do romântico brasileiro como epígrafe, Maia Ferreira também faz clara referência à “Canção do exílio” nos versos iniciais de “A minha terra”:

Minha terra não tem os cristais
Dessas fontes do só Portugal
Minha terra não tem salgueirais,
Só tem ondas de branco areal.
(FERREIRA, 2002, p. 26).

Nesse emblemático e extenso poema, composto de 183 versos, é possível perceber como, no século XIX, “o confronto começa a se estabelecer”, citando novamente a pesquisadora Laura Padilha (PADILHA, 2006, p. 76): é dado um passo importante do caminhar, em sentido oposto ao das imposições da fala cultural hegemônica, quando se elege como tema central o lugar de onde se expressa.

“A minha terra”, o poema referido, se inicia com uma série de negações/faltas, principalmente quando o espaço angolano é comparado à metrópole. Parte-se, então, para uma recusa à repetida negação promovida pelo discurso redutor hegemônico, quando o poeta nos apresenta, em contrapartida, os elementos da sua terra em total afirmação. Para erguer a voz em amor/louvor à sua pátria, o sujeito lírico usa exclamações e rompe com as estrofes de quatro versos e com a métrica de nove sílabas, que se mantinham regulares até então:

Mesmo assim rude, sem primores da arte
Nem da natura os mimos e belezas,
Que em campos mil a mil vicejam sempre,
É minha pátria!
Minha pátria por quem sinto saudades,
(...)
É minha pátria, ufanoso o digo!
Deu-me o berço, e nela vi primeiro
A luz do sol, embora ardente e forte.
(...)
(FERREIRA, 2006, p. 30).

Por fim, o sujeito lírico reconhece que cantar a beleza do “lindo Portugal” significa também admirar a sua própria “terra natal”, pelas semelhanças que esta guarda com a metrópole:

Vi as belezas da terra,
Da tua terra sem igual,

Mirei muito do que encerra
O teu lindo Portugal;
E se invejo a lindeza,
Da tua terra a beleza,
Também é bem portuguesa
A minha terra natal.

(FERREIRA, 2006, p. 31)

Já em outro poema, “À minha terra”, o espaço natal passa a ser o destinatário dos versos que trazem como título novamente o pronome possessivo, reiterando o sentimento de apego e apreço pelo local de origem. De acordo com Salvato Trigo na introdução de **Espontaneidades da minha alma**, para Luís Kandjimbo este poema seria o mais “indiciador, senão o mais representativo” (FERREIRA, 2002, p. 14) da angolanidade do poeta. A terra destinatária, apesar de suas mazelas, é cantada como “querida”, “primorosa” e “sem igual” por alguém que, quando a avista, sente “na alma fervorosa/ o desejo de a abraçar” (v. 11 e 12). O trecho inicial aqui apresentado ilustra o arrebatamento do poema no momento em que avista a sua terra angolana/africana:

De leite o mar – lá desponta,
Entre as vagas sussurrando
A terra em que cismando
Vejo ao longe branquejar!
É baça e proeminente,
Tem da África o sol ardente,
Que sobre a areia fervente
Vem-me a mente acalantar.

Debaixo do fogo intenso,
Onde só brilha formosa,
Sinto na alma fervorosa
O desejo de a abraçar:
É minha terra querida,
Toda da alma, – toda-vida –
Que entre gozos foi fruída
Sem temores, nem pesar.

Bem vinda sejas, ó terra,
Minha terra primorosa,
Despe as galas – que vaidosa
Ante mim queres mostrar:
(...)

(FERREIRA, 2006, p. 118-119).

Sabendo, com Alfredo Bosi, da importância de se estudar de maneira conjunta o “ser” e o “tempo” da poesia – sendo o primeiro “o nexo íntimo entre o fluxo sonoro do texto, a sua constelação de figuras e o seu *pathos*”, e o segundo “a sua presença e o seu significado no curso do tempo intersubjetivo, social, que é a cultura vivida por gerações

de leitores" (BOSI, 2000, p. 9) –, é possível entender certas questões e limitações referentes ao momento em que os textos literários foram escritos. Quando Maia Ferreira produziu seus versos, a luta contra a colonização em Angola, apesar de já existir, ainda não tinha tomado a força que ganharia décadas depois. Foi no final do século XIX, com a Conferência de Berlim, em 1885, e a Proclamação da República no Brasil, em 1889, que a ocupação portuguesa se fez de maneira mais efetiva, o que despertou uma resistência mais forte e organizada. Nesse tempo, Maia Ferreira já não produzia mais.

Por enquanto fica o registro de um poeta que tem sua importância por ter sido um dos inauguradores de uma tradição literária no país, reivindicando o pertencimento à terra africana/angolana que tanto amou, apesar de reconhecer suas inferioridades, sendo a maioria destas, naquele momento e ainda hoje, consequência da política de exploração empreendida no mundo colonizado. Com Maia Ferreira, na primeira metade do século XIX, foi dada a largada. A poesia de forte resistência e combate ainda estaria por vir.

CORDEIRO DA MATT A E A DEFESA DA LITERATURA PÁTRIA

O próximo poeta angolano visitado nesse percurso é Joaquim Dias Cordeiro da Matta, que marca a transição para uma atividade literária mais tingida de cores locais. Ele fez parte do jornalismo ativo e combatente do final do século XIX, com colunas periódicas no **Jornal de Loanda**, de 1878; em **O Pharol do Povo**, de 1883, e em **O Arauto Africano**, de 1889. Foi o período em que "os colonos começaram a designar Imprensa Livre os periódicos saídos de tipografias particulares, distinguindo-os assim da folha da Imprensa do Governo" (EVERDOS A, 1985, p. 25). A Imprensa Livre Angolana contou com cerca de sessenta veículos independentes publicados, muitos deles, com críticas severas à exploração das colônias africanas por Portugal.

Um dos principais nomes desse grupo contestador foi Cordeiro da Matta. Além de se lançar à atividade jornalística, ele foi um dos que aspiraram e incentivaram a criação de uma literatura própria: no final da nota preambular de seu livro **Philosophia popular em provérbios angolenses**, ele convoca seus conterrâneos a dedicarem "algumas horas de lazer para a fundação da literatura pátria. Nada de desanimar. Avante!" (MATT A *apud* EVERDOS A, 1985, p. 33). Tal proposta o incentiva a coletar e divulgar provérbios angolanos tradicionais, a escrever um dicionário de quimbundo e a publicar artigos em jornais nos quais denunciava a situação política e social da colônia em que nasceu.

Cordeiro da Matta nasceu no Icolo-e-Bengo e foi para Luanda aos 16 anos, onde se tornou empregado do comércio local. Segundo o angolano Eduardo Bonavena, ele é um dos casos dos autodidatas de sua geração, impedida de fazer estudos além da instrução primária. Apesar de Cordeiro da Matta não ter saído de Angola para fazer o ensino secundário, em muitos dos seus textos há referências a autores estrangeiros, o que mostra seu conhecimento erudito. Além de ser colaborador

do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* a partir de 1879, como, aliás, fizeram outros angolanos, lançou em 1890 o conjunto *Delírios*, com 139 poemas escritos entre os 16 e os 30 anos.

Em muitos de seus textos, Cordeiro da Matta utiliza-se do bilinguismo com a inserção de termos e expressões em língua banta, o que expressa uma ruptura fundamental com a imposição da linguagem da metrópole como veículo de civilização e progresso. Um de seus mais conhecidos poemas, “Kicôla”, traz termos em quimbundo traduzidos ao leitor estrangeiro:

Nesta pequena cidade,
vi uma certa donzela,
que muito tinha de bela,
de fada, huri e deidade,
a quem disse: - “minha q’rida,
peço um beijo por favor,
bem sabes ó meu amor,
que eu por ti daria a vida!”

- “Nguami-âmi, ngana-lame,
“não quero, caro senhor” –
disse, sem mudar de cor –
“maculo! quangandallâmi,
“não creio no vosso amor”...
(...)
(MATTÁ, 2001, p. 56).

Nesse poema percebemos um avanço na demarcação da diferença a começar pelo título, pois, além de estar em uma língua nacional, apresenta a marca da negação, o que aqueles que estão fora do conjunto semântico só saberão ao final da leitura, como analisa Padilha (2006). Segundo a pesquisadora, o “não” proferido pela interlocutora ao sujeito que dela se aproxima metaforiza o “não” expresso de maneira mais ampla pelo próprio poema. Aqui há o uso de uma língua que não a da “civilização” para dar voz a quem deixa de ser objeto do discurso e passa a ser um sujeito que ergue sua voz para negar as investidas do eu-lírico. No final do século XIX já vemos a expressão de uma produção literária que passa a recusar, cada vez com mais veemência, o próprio modelo de representação colonial.

Outro poema de Cordeiro da Matta, sobre o qual podemos pensar de maneira semelhante, é o breve “Muâno, Tata!”, cujo título em ambundo quer dizer “não senhor”, como explica o próprio texto de 1885. O assunto é o mesmo: um sujeito lírico que, ao topar “com uma negra formosa”, fica cativo de sua graça e lhe propõe: “oh linda, bela pretinha,/ por uma hora, um bocado,/ queres, mimosa, ser minha?”, ao que, sorrindo, ela responde “*muâno, tatá!*” (MATTÁ, 2001, p. 170).

Além da valorização da língua nacional, o texto de Cordeiro da Matta avança simbolicamente em relação à representação feminina. Essa postura pode ser percebida em seu poema “Negra!”, no qual é

cantada a perplexidade frente à formosura da mulher da terra, tentando reverter o “ato de violência epistemológica” (BHABHA, 2007 p. 73) das narrativas coloniais contra a presença negra. O uso da adversativa “mas” revela o viés redutor do discurso colonial, que aqui é questionado:

Negra! negra! como a noite
d'uma horrível tempestade,
mas, linda, mimosa e bella,
como a mais gentil beldade!
Negra! negra! como a asa
do corvo mais negro e escuro,
mas, tendo nos claros olhos,
o olhar mais límpido e puro!
(...)
(MATTÁ, 2001, p. 100).

Salvato Trigo considera que Cordeiro da Matta “foi, sem dúvida alguma, o primeiro literato autenticamente angolano” (TRIGO, 1977, p. 56), dando força a um projeto literário recém-iniciado no despertar do século XIX. Com uma visão outra da mulher africana e a inscrição da língua local no corpo do poema, podemos identificar, ainda não de maneira enérgica, mas sim uma leve sacudida no “lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão” (FANON, 2008, p. 29). Essa sacudida ganharia força em meados do século seguinte com o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, do qual Viriato da Cruz foi um dos principais nomes.

A POESIA DE RESISTÊNCIA DE VIRIATO DA CRUZ

Considerado por Michel Laban “um dos motores da efervescência cultural e política” de Angola em meados do século XX (LABAN, 2003, p. 13), Viriato da Cruz é o último poeta aqui visitado por ter feito parte de uma geração de escritores que aliaram o projeto estético ao objetivo ético de transformação. Mestiço, Viriato Francisco Clemente da Cruz nasceu em Porto Amboim, província angolana do Cuanza Sul. Assim como Cordeiro da Matta, ele também é considerado autodidata por cedo ter abandonado os estudos, primeiro frente às necessidades materiais para ajudar a família nas despesas domésticas e, depois, por causa da dedicação à luta política.

Além de ter sido fundador do Partido Comunista Angolano e membro do Movimento Para a Libertação de Angola – MPLA –, foi um dos principais integrantes do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola – MNIA – que tomou corpo em 1948, com o lema “Vamos Descobrir Angola!”. Também foi um dos principais autores que contribuíram para a revista **Mensagem** (1951-1952), cujo aparecimento “corresponde, pois, à concretização das aspirações dos jovens angolanos de criar um clima propício, e os meios concomitantes, à produ-

ção intelectual baseada no espírito da angolanidade”. (LARANJEIRA, 1995, p. 71). A publicação era da responsabilidade do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola, cuja sigla ANANGO-LA significava, em quimbundo, “filhos de Angola”. A **Mensagem** angolana teve curta duração, apenas dois números, mas serviu de exemplo e influência a produções artísticas futuras, principalmente as de valorização da cultura nacional. Viriato da Cruz foi para a China em 1966 com a mulher e a filha, país onde viveria até 1973, ano de sua morte, sem ver seu país conquistar a independência pela qual tanto dedicou sua vida e sua arte.

Com movimentos como o MNIA, percebe-se que, na passagem da década de 1940 à seguinte, a literatura angolana se apresenta marcadamente aliada à ação política, sendo entendida como importante ferramenta de conscientização e propulsora da independência. Viriato da Cruz, ao lado de Antônio Jacinto e Agostinho Neto, lançou-se à produção de uma poesia de resistência, assim caracterizada por Alfredo Bosi: “O que ela não pôde fazer, o que não está ao alcance da pura ação simbólica, foi criar materialmente o novo mundo e as novas relações sociais, em que o poeta recobre a transparência da visão e o divino poder de nomear. Só a Revolução.” (BOSI, 2000, 167). A poesia que possui esses objetivos não se torna, portanto, um fim em si, mas um caminho para a transformação, capaz de mover os homens em busca de uma sociedade em diferença.

Em “Dois poemas à terra” percebemos com clareza essa crença num amanhã melhor. O “eu” dialoga com um “tu”, a Mãe Terra, apresentando-se como uma força de “amor, ódio e emoção”: “amor à humanidade”, “ódio a tudo quanto algema o Ideal”; e “emoção ante a beleza das coisas e dos homens!”. A combinação dos três elementos é que tornaria possível a mudança do mundo a partir de sua humanização:

Só por ti consigo ser
O amor que transforma para melhor,
O ódio libertador que atemoriza, arrasa e silencia,
A emoção que dinamiza a apatia,
Rasga as trevas
E vence os impossíveis
- A humanização do mundo!
(CRUZ In: FERREIRA, 1989, p. 51)

O “eu” se coletiviza no final da primeira parte do poema, quando a expressão “minha Mãe Terra” do primeiro verso é substituída por “oh nossa Mãe Terra...”. Essa força transformadora viria do próprio local de que se fala: de seus grãos de areia; da fraternidade do abraço universal dos rios que enlaçam “vilas, aldeias e cidades/ campos e países”, ao invés dos oceanos de dor que os separavam; da espera da fecundação de um pólen vindo do vento ou de uma borboleta; e, por fim, da infância “cuidada e doce”. A “terra” amada, antes cantada por Maia Ferreira, é retomada por Viriato da Cruz, tornando-se fonte de

inspiração e espaço de onde sairiam os exemplos de solidariedade capazes de fazer germinar os grãos de força transformadora:

- de onde vêm, de onde vêm senão, ó Terra,
Dos seres o berço de todos,
O regaço de todos
A Mãe ubérrima livremente dadivosa e igual – de todos?...
(CRUZ In: FERREIRA, 1989, p. 51) .

E finaliza retomando aquela voz coletiva que já havia se anunciado: “Oh Terra! Oh Terra, oh nossa Mãe Terra...”, lembrando Bosi mais uma vez quando diz que “a poesia, se quer uma verdade nova, será utópica” (BOSI, 2000, p. 206), e o discurso dessa utopia assume o destino dos oprimidos no registro de uma voz coletiva: “é o coro de todos os homens manchados pela dominação.” (BOSI, 2000, p. 213).

Além dos textos que cantavam e germinavam essa esperança num amanhã melhor, a poesia de resistência de Viriato da Cruz também propôs a valorização da cultura local, marcando a angolanidade tanto no plano formal quanto em seu conteúdo. O bilinguismo já visto em Cordeiro da Matta, por exemplo, é retomado em um de seus poemas mais conhecidos, “Makèzu”, que trata das mudanças ocorridas nos costumes locais. O pregão da velha quitandeira, assim como os seus panos, símbolos da tradição cultural africana, perderam força e cor para aquilo que passou a ser chamado de “civilização”.

O texto denuncia essa mudança sob a forma da dramatização tão cara à tradição oral, na qual interagem e dialogam mano Felisberto com a avó Ximinha, que recupera o papel simbólico de mais-velha, antes respeitada e agora desprezada pelos mais novos. Na dança da poesia, Viriato da Cruz insere o quimbundo como par do português, embalados pelo ritmo que torna os versos oraturizados e oraturantes, enchendo-os da identidade africana/angolana, como defende Manuel Rui em seu ensaio “Eu e o outro – o invasor”: “Interfiro, descrevo para que conquiste a partir do instrumento escrita um texto escrito meu, da minha identidade. Os personagens do meu texto têm de se movimentar como no outro texto inicial. Têm de cantar. Dançar. Em suma temos de ser nós” (RUI, 1987, p. 309).

- “Kuakié!... Makèzú, Makèzú...”
O pregão da avó Ximinha
É mesmo como os seus panos,
Já não tem a cor berrante
Que tinha nos outros anos.
(...)

- “Kuakié!... Makèzú, Makèzú...”
- “Antão, véia, hoje nada?”
- “Nada, mano Felisberto...”
Hoje os tempos tá mudado...”
(...)

Não sabe?! Todo esse povo
Pegô um costume novo
Que diz qué civrização:
Come só pão com chouriço
Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima,
(Hum... mbundu kène muxima...)
Qui o nosso bom makèzú
É pra veios como tu".
(...)
(CRUZ In: FERREIRA, 1989, p. 46).

Outro poema emblemático de Viriato muito conhecido é "Namoro", musicado por Fausto Dias e interpretado por Sérgio Godinho, ambos famosos músicos portugueses:

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com a letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas acácias floridas
espalhando diamantes na fímbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas.
sua pele macia - era sumaúma...
(...)
Mandei-lhe uma carta
e ela disse que não.
(...)
Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.
Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.
(...)
E para me distrair
levaram-me ao baile do sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir
contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário
Tocaram uma rumba dancei com ela
e num passo maluco voamos na sala
qual uma estrela riscando o céu!
E a malta gritou: "Aí Benjamim!"
Olhei-a nos olhos - sorriu para mim
pedi-lhe um beijo - e ela disse que sim.
(CRUZ In: FERREIRA, 1989, p. 49).

Além de narrar as investidas amorosas inicialmente mal-sucedidas do sujeito lírico chamado Benjamin, esse poema defende a mestiçagem como algo que pode vir a ser positivo, se não resultar na assimilação, no desprezo pelas coisas da terra e na superação de uma cultura pela outra. A rumba, por ser uma dança nascida da conjugação dos ritmos africanos com as danças europeias, representaria, nas palavras de Pires Laranjeira, o paradigma de “uma sociedade que ultrapassa os condicionalismos dos preconceitos culturais da tradição africana e europeia, num louvor à crioulaização” (LARANJEIRA, 1995, p. 82).

São frustradas as tentativas de se aproximar da amada tanto por declarações escritas – “a carta em papel perfumado com letra bonita”, quanto pela oralidade, como os “recados” enviados pela Zefa do Sete. Também não adianta recorrer à ajuda com preces erguidas a Santa Ifigênia de joelhos no chão nem com fortes feitiços encomendados a uma quimbanda de fama. Isso porque ou um ou outro não resolvem mais os problemas: só uma dança híbrida pode selar este namoro e romper com as negativas proferidas pela mulher amada, repetidas desde os poemas de Cordeiro da Matta.

A mulher africana, além de trazer a valorização da cor negra, também se torna, nos versos de Viriato da Cruz, uma representação simbólica do continente africano, imagem de força que já havia fecundado e continuará fecundando diversos textos produzidos no país. No poema “Mãe negra”, por exemplo, a Mãe, grifada com maiúscula, se apresenta como “drama vivo duma Raça/ drama de carne e sangue/ que a Vida escreveu com a pena de séculos”, situação esta cantada e lamentada por várias vozes oriundas de locais distintos, “de toda a América” e “de toda a África”, desde os Estados Unidos, nas plantações da Virgínia, nos campos das Carolinas e do distrito do Harlem, passando por Cuba e também pelo Brasil. Essas vozes, que se unem aos artistas do *blues* e aos cantos de Langston e de Guillén, não podem embalar os filhos dessa Mãe África, separados por “oceanos de dor” e que “nascendo alimárias/ semoventes, coisas várias/ mais são filhos da desgraça”.

Esse retrato cruel das condições de então de certa maneira é uma forma de resistir à falsa ordem, que é, a rigor, a barbárie e o caos (BOSI, 2000, p. 169), pois contradiz os discursos correntes que, por força da ideologia, mascaram a realidade e legitimam as forças em presença, cristalizando e naturalizando as divisões da sociedade. Ainda segundo Bosi, a poesia-resistência se opõe a esse discurso legitimador da ordem vigente de duas maneiras: ou apontando para o passado, “refazendo zonas sagradas que o sistema profana (o mito, o rito, o sonho, a infância)”; ou então servindo de projeto para o amanhã, “desfazendo o sentido do presente em nome de uma liberação futura”. (BOSI, 2000, p. 169).

Nesse poema, Viriato da Cruz opta pelo segundo caminho, tendo como versos finais a projeção para um futuro no qual se anuncia a esperança e a certeza de que chegará O DIA DA HUMANIDADE, condição tão cara e perseguida pelo poeta, sonho que o moveu na luta por uma terra para todos.

Mas vejo também (oh, se vejo...)
Mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos, ora esplende
Demonicamente tentadora – como a Certeza...
Cintilantemente firme – como a Esperança...
Em nós outros teus filhos,
Gerando, formando, anunciando
- o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE
(CRUZ In: FERREIRA, 1989, p. 53).

CONCLUSÃO

A partir dos textos de três escritores angolanos, com produções que datam dos séculos XIX e XX, foi proposta uma leitura da trajetória poética angolana desde os seus passos iniciais até o reconhecimento da atividade literária como importante arma de conscientização, fundamental, portanto, para as lutas de libertação que se instauraram no país. Um dos importantes movimentos nesse sentido foi a intensificação da busca por uma “angolanidade literária”, que, ao longo do tempo, se traduziu pela valorização e pelo resgate das coisas próprias da terra.

De Maia Ferreira, em quem encontramos a reivindicação do pertencimento à terra angolana, reiterado pela exaltação da pátria e pela repetição do pronome possessivo “minha”, passamos por Cordeiro da Matta, nome de destaque da imprensa livre angolana do final do século XIX, defensor de uma literatura própria e responsável por fazer ecoar em seus poemas as vozes de uma terra tantas vezes silenciada e reduzida pelo discurso colonizador. Por fim, chegamos a Viriato da Cruz, que, em busca de uma expressão própria angolana, preencheu seus versos do que era próprio da cultura tradicional de sua terra: a oralidade, que está presente tanto como tema quanto na própria forma dos textos. Os poemas de Viriato estão repletos ainda da crença no futuro e da esperança no amanhã, quando reinaria, enfim, a humanidade anunciada em seu poema “Mamã negra”.

À conquista da independência de Angola, em 1975, seguiu-se uma terrível guerra civil, que só teria fim em 2002. Contradições outras passaram a se apresentar no cenário angolano, como a terrível desigualdade social e a permanência, em uma pátria livre, de condições de opressão muito semelhantes às da época da colonização. Esse foi, e continua sendo, um período marcado por certa desilusão e busca de outros sonhos. Tais questões não deixam de estar presentes em grande parte dos textos literários publicados nesse momento, dando continuidade ao casamento entre ética e estética presente ao longo da história da produção literária angolana, como o recorte aqui apresentado procurou mostrar.

ABSTRACT

This text presents a brief reading of some of the mean Angolan poetry's names that produced in distinct moments of the country history. The path walked here begins in the nineteenth century, when there were the first printed signs, and goes until its appropriation, in the middle of the next century, by a movement that joined cultural production to political action and used the literary text as a tool of identity affirmation. In this course will be analyzed the production of three authors: José da Silva Maia Ferreira and his book of poems dating from the first half of the nineteenth century; then Cordeiro da Matta, whose publication date of the second half of the same century; and, finally, Viriato da Cruz, poet of the New Intellectuals' Movement of Angola since the mid-twentieth century. We'll see how the Angolan poetry was pursuing his claim for the difference, beginning with the registry of African theme until the development of its own voice, produced with the letter and the land's voices together, rescuing the cultural force of orality.

Keywords: Angolan poetry. Trajectory. 19th century. 20th century. Orality.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento. A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Luanda: UEA, 1985.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, José da Silva Maia. **Espontaneidades da minha alma**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002.
- FERREIRA, Manuel. **50 poetas africanos: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Plátano Editora, 1989.
- LABAN, Michel (coord.). **Viriato da Cruz: cartas de Pequim**. Luanda: Chá de Caxinde, 2003.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- NETO, Agostinho. **Sagrada esperanza** – edición bilingüe. Havana: Coleccion Sur, 2008.
- PACHECO, Carlos. **José da Silva Maia Ferreira** – novas achegas para sua biografia. Luanda: UEA, 1992.
- PADILHA, Laura. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

PADILHA, Laura. Colonialidade e Literatura em Angola – Do enfrentamento às novas cartografias. **Vozes (além) da África**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p. 73-88. 2006.

RUI, Manuel. Eu e o outro – O Invasor. **Sonha, mamana África**. São Paulo: Epopéia, 1987.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.